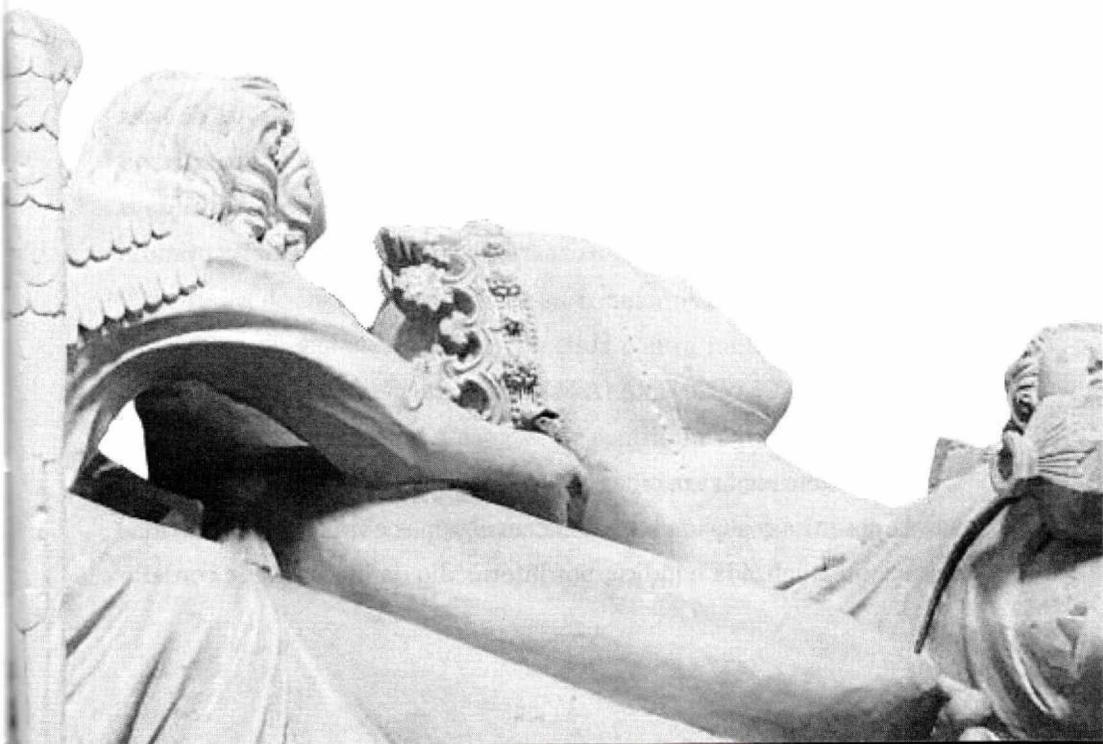


Inês&Nós: leitura criativa do mito de Inês de
Castro e enfrentamento à violência contra
mulheres pelas ondas de rádio na escola

Valéria Andrade
Marcelo Alves de Barros
Rafael Barros de Sousa



INTRODUÇÃO

Este artigo tem por alicerce a pesquisa de Mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, da Universidade Estadual da Paraíba (PPGLI/UEPB), intitulada *Inês & Nós em perspectiva: um jogo sério para a formação leitora e o diálogo intercultural pela mediação do mito de Inês de Castro* (SOUSA, 2021). Enfatiza-se aqui a figura mito-histórica de Inês de Castro, ressaltando a violência sofrida pela mulher e rainha *post mortem* de Portugal, tendo em conta que o memorável infortúnio de Inês apresenta arcabouço para uma investigação desse episódio trágico em relação ao feminicídio, podendo contribuir na problematização das relações de gênero, particularmente no que tange às violências contra mulheres de uma perspectiva contemporânea. Em seguida, apresenta-se uma proposta de aplicação do jogo denominado Inês&Nós no contexto de uma rádio escolar, utilizando ferramentas da gamificação e dos jogos sérios em realidade alternada, a fim de promover a escrita de novas histórias inspiradas no mito de Inês de Castro e também viabilizar o empreendedorismo voltado para a sua propagação em ondas de rádio como estratégia para a sensibilização e conscientização de crianças e jovens sobre as diversas violências praticadas contra mulheres.

A VIOLÊNCIA CONTRA (A MULHER EM) INÊS DE CASTRO

Levando em conta um olhar crítico e problematizador, em um dos eixos da pesquisa realizada buscou-se em algumas obras literárias de maneira contextualizada e lúdica, por intermédio da literatura de cordel e

de obras destinadas ao público infanto-juvenil, discutir e evidenciar aspectos da violência sofrida por Inês de Castro, transpostos da mito-história para a estética literária, suscitando questões para o processo de reflexão sobre a violência contra a mulher na contemporaneidade. Desde que a Lei Maria da Penha foi aprovada no Brasil, há quinze anos, solicitou-se que dados que versam acerca da violência contra a mulher fossem incluídos em bases de dados oficiais do governo brasileiro e de órgãos responsáveis por implantar políticas públicas. Sem essas estatísticas, seria quase impossível pensar políticas e estratégias para enfrentar e combater tais violências.

Segundo dados oficiais do Senado Federal do Brasil (2019), a violência contra mulheres cometida por ex-companheiros aumentou quase três vezes em oito anos entre 2011 e 2019. As estatísticas relacionadas às agressões físicas e psicológicas contra mulheres subiram de 13% para 37% entre meados de 2011 a 2019. Em 12 meses, no ano de 2018, a violência doméstica aumentou de 69% para 82%. São dados alarmantes e ainda mais potencializados pelo atual clima pandêmico por conta do novo COVID-19, que acarretou isolamento social e confinamento doméstico a nível mundial. É necessário apresentar tais dados a fim de promover diálogos acerca do que é possível pensar enquanto estratégia para diminuir tais abusos. Neste sentido, tanto o episódio factual quanto a história mítica de Inês de Castro figuram enquanto uma ilustração discursiva acerca da violência secular cometida contra mulheres, pelo que é possível promover possíveis intervenções no contexto social por meio da leitura e da escrita criativas, capazes de contribuir para a sensibilização e a conscientização sobre esse problema de ordem sociocultural e para a (re)construção de perspectivas em torno das relações afetivo-amorosas

de quem lê e reescreve o mito inesiano. A figura a seguir retrata a violência cometida contra Inês de Castro:

Figura 1 – Agora é tarde, Inês é morta!



Fonte: GIL, A. Pedro (1975, p. 2)

A figura 1 consta no livro *Os grandes Julgamentos: o processo de Inês de Castro* (GIL, 1975), em que se discute o episódio de Inês de Castro com aspectos pormenorizados da vida, do caso amoroso e da posteridade para o mito – e ilustra de maneira contundente a violência sendo presenciada pelos filhos de Inês e Pedro. Enquanto campo fértil dos (re)dizeres, dimensionando a representatividade da vida, atrelada aos temas que compreendem as vivências de todos/as enquanto sujeitos sociais, percebe-se o quanto o mito inesiano é profícuo, abrindo vias dialógicas sobre

questões que necessitam ser debatidas em espaços que compreendem os processos formativos e educativos, projetando a interface crítica e discursiva na formação leitora, pessoal e profissional dos seus interlocutores por todos os lugares em que a literatura inesiana é lida e ressignificada.

Há uma possibilidade evidente do gerenciamento de discussão sobre o *feminicídio* tecido nas diversas linhas textuais, históricas e míticas que envolvem a figura da bela Inês de Castro. Segundo a Juíza de Direito, Adriana Ramos de Mello (JUSTO EU, AULA 25 – FEMINICÍDIO, 2018), em entrevista ao programa *Justo Eu*, o feminicídio é compreendido como:

A morte da mulher, justamente pela sua condição de mulher. Aquela morte especificamente por um contexto de discriminação, de desprezo, ou também no âmbito doméstico familiar. A gente sabe que no Brasil, as mulheres infelizmente morrem vítimas dos seus parceiros íntimos, ou atuais ou ex, né? É um contexto bem diferenciado de outros países inclusive, e nominar esse problema, esse fenômeno, dar um nome a esse fenômeno faz parte desse contexto de dar maior visibilidade a um fenômeno que é muito grave no Brasil, que é a morte de mulher (JUSTO EU, AULA 25 – FEMINICÍDIO, 2018).

Ao discutir o conceito de feminicídio, Adriana Ramos enfatiza a questão da violência contra a mulher, justamente pela sua condição de ser mulher, acrescentando com propriedade a existência de dois contextos de feminicídio que ocorrem no Brasil: o *íntimo* e o *não íntimo*. Referindo-se ao primeiro, a juíza explicita o contexto do feminicídio em que a violência letal sofrida pela mulher é oriunda da relação afetiva vivenciada com um companheiro, ou, em um contexto familiar por parte de algum parente ou pessoa próxima do convívio com a vítima. Por sua vez,

no nomeado de não íntimo, a violência contra a mulher é cometida por sujeitos que não vivenciam o contexto familiar ou afetivo com a vítima.

Baseando-se nas ideias de Adriana Mello, vislumbra-se o assassinato sofrido por Inês de Castro como passível de qualificação enquanto feminicídio *avant la lettre*, tal como argumenta Valéria Andrade (2021), já que, embora ela não tenha sido morta por Pedro, foi assassinada a mando do pai dele, em contexto de disputas políticas que envolviam conflitos familiares. São, pois, a subalternização e a violência contra a figura feminina, pautadas e revitalizadas pelo assassinato dessa figura histórica, que se pode suscitar o debate acerca do feminicídio. Contudo, é na literatura e por meio do seu poder que são criadas e divulgadas outras (re)interpretações da figura de Inês de Castro. Neste caso, tomamos como exemplo o romance histórico *Inês de Castro* (2006), da romancista espanhola María Pillar Queralt Del Hierro, em que a protagonista é caracterizada como uma moça alegre, divertida e sonhadora, inclusive bem distinta de outras representações, em que é frequentemente retratada como objeto à mercê de outros sujeitos, mais precisamente da figura masculina. Sabemos que a estética literária potencializa a reinvenção da figura feminina que necessita ser outra, de preferência, outras mulheres do século XXI, fortes e inspiradoras na perspectiva política, ocupando seus espaços por uma legitimidade que é negada até aos tempos atuais. Vejamos como Maria Pillar retrata essa revolução da figura feminina:

A amiga era mais sonhadora. Apaixonava-se com facilidade e em várias ocasiões havia suspirado ante os requebros de algum cortesão. Além do mais, recusava-se a aceitar as limitações próprias da sua condição de mulher. Certamente gostava tanto do arranjo pessoal como dos livros, dos bailes como das rezas, mas, para desespero da ama, obstinava-se em lançar-se a galope pela veiga, ou a conversar com rapazes que haviam sido companheiros de folguedos infantis, a quem agora, já crescidos, devia mostrar a reserva aconselhada pela sua condição de donzela. Uma e outra

vez, evocando a figura de D. Maria de Molina, discutia com mestres e preladados as razões por que o mundo das armas e das letras estava vedado às mulheres, recusando-se a aceitar que estas devessem limitar-se ao papel de sujeitos passivos na vida. Quando, farta do discurso, Constança lhe perguntava o que faria se pudesse mudar a situação, calava-se, matutava durante uns segundos, para a seguir responder: - Não sei, mas não é justo (DEL HIERRO, 2006, p. 38-39).

Ao dialogar acerca do feminicídio e fazer um contraponto a partir da escrita de María Pillar em outra imagem de Inês de Castro, é pertinente discutir a postulação *empoderamento*, termo que compõe o repertório relacionado aos debates feministas, de lutas de classe e de ações em defesa das participações dos cidadãos que se encaixam nas ditas minorias identitárias. A arquiteta, urbanista, feminista negra e também escritora Joice Berth, em seu livro *Empoderamento* (2018), refere-se a esta postulação como uma prática de autoconsciência dos direitos e deveres de todos/as os/as cidadãos/ãs. Para a autora, isto se amplia no sentido de que empoderamento:

Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade (BERTH, 2019, p.21).

Seria esse, portanto, o termo para definir a Inês representada no romance histórico de Maria Pillar. Uma representação da mulher em que o sujeito feminino busca ocupar novos lugares sociais relacionados a autonomia e autorrealização, pelas mãos e mente da autora. Uma Inês questionadora, indisposta com as injustiças cometidas por homens e vistas por ela, que não se prende à condição de mulher passiva – condição de

confinamento, pela qual a mulher é levada a ser submissa ao homem, desde a figura paterna, passando pelo marido logo após o casamento, bem como em relação aos futuros filhos do gênero masculino.

É necessário projetar personagens femininas que revelam destemor, correndo riscos, enfrentando medos e ódios, ocupando os espaços que, com pontuais exceções ao longo da história civilizacional, foram destinados aos homens. Mulheres que, igualmente em raros momentos históricos, tiveram suas ações mostradas a partir de uma suposta fragilidade perante os homens, de modo, a conferir um rebaixamento dos seus valores socioculturais, de sua força e importância, imprescindíveis no desenvolvimento social. A Inês representada pela romancista Maria Pillar é uma das figuras de mulher forte e destemida que precisa ser promovida, ainda que destoante de outras representações inesianas, suscitando e semeando diálogos acerca de temas relevantes para hoje e para o futuro.

Para citar apenas algumas narrativas históricas e mítico-literárias que no passar dos anos vêm ressignificando o conto de amor e morte de D. Pedro e D. Inês de Castro, como apontado por Andrade (2008), referimos as seguintes: *Trovas à Morte de Inês de Castro*, de Garcia de Resende (1470?-1536), no Cancioneiro Geral de 1516; *A Castro* (1587), primeira tragédia clássica portuguesa, de António Ferreira (1528 – 1569). *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões (1524?- 1580), no episódio da Linda Inês, nas estrofes 120 a 135 do Canto III; cantata *À morte de Inês de Castro* (1791), de Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805); *A Nova Castro*, de João Batista Gomes Júnior (1775?-1803); *Adivinhas de Pedro e Inês*, de Agustina Bessa-Luís (1983); *Os Passos em Volta* (1936), de Herberto Helder, que no conto Teorema retrata a história de Inês de Castro; *Inês de Castro* (1945), filme de Leitão de Barros; *A trança de Inês* (2001), da escritora Rosa Lobato de Faria, posteriormente adaptado para

o cinema em obra de mesmo nome pelo realizador António Ferreira em 2018; e *Inês não está Morta* (2019), da brasileira Gabriela Maya. Estas obras e tantas outras fazem parte de uma vasta e extensa trajetória de revisitação do episódio inesiano a partir da história e do mito em várias formas artísticas, a exemplo do romance, teatro, cinema, dança, poesia etc.

No conjunto dos escritos literários e outras produções artísticas, evidencia-se a morte de Inês, nos quais apresentam-se trechos relevantes para a problematização dos atos no episódio inesiano que culmina em tragédia, a partir do que é possível pensar sobre a violência contra mulheres em nossa contemporaneidade. Reitera-se, com esses exemplos de produções híbridas ou em outras perspectivas artísticas, nosso intuito de pensar e suscitar rupturas necessárias com eventuais engessamentos da tradição, no sentido de reavivar o mito de Inês em outros campos das práticas artísticas e sociais, como pontua Márcia Gobbi (2005), visto que para a autora “a tradição intocada está fadada a cair no esquecimento e perder seu traço primeiro: a sobrevivência através das gerações” (GOBBI, 2005, p. 303).

Assim, frente a um suposto impedimento para se remeter e ter acesso à literatura inesiana em versos de cordel inspirados em *Os Lusíadas*, de Camões, “a Luís Vaz de Camões, / De *Os Lusíadas* criador, / Peço alento, inspiração, / Energia e destemor / Para narrar em trova e versos / Uma história real de amor” (SOMBRA, 2014, p. 11). Este trecho do cordel criado pelo poeta Fábio Sombra reforça que a tradição não é inviolável, uma vez que o autor brasileiro se utiliza, de maneira inspiradora, dos versos eruditos do poeta português Luiz Vaz de Camões. Reafirma-se, assim, a revitalização de mitos, justificativa para o dizer do poeta sobre o florescer do mito inesiano em seus versos de cordel.

Diante disto, a discussão se encaminha para a adaptação do mito inesiano recontado em versos de cordel, especificamente na obra *A história de Inês de Castro ou a Dama Lourinha que, depois de morta virou rainha*, do citado poeta Fábio Sombra, cordelista, violceiro, ilustrador, e membro da ABLIC (Associação Brasileira de Literatura de Cordel), ocupando a cadeira 3. Nestes aspectos de criação e recriação do mito de Inês, são edificadas diversas pontes para diálogos interculturais, como exemplificado na adaptação do mito para a literatura de cordel, que tem ramificações entre Portugal e Brasil em cruzamentos dialógicos entre culturas, inspirando uma e outra, promovendo a interculturalidade pela mediação do texto literário, adaptado e apresentado com caráter regional, ainda que com heranças culturais do cordel português.

É nessa perspectiva intercultural que os recursos estéticos da literatura de cordel agregam o mito inesiano, considerando, neste sentido, que nenhuma temática é estranha à literatura de cordel, como defendido por Brandão (1991). Assim, pode-se representar e interpretar a violência sofrida por Inês sob a ótica do poeta popular e da literatura de cordel empreendida por Fábio Sombra (2014, p. 18), que surge em versos, como a seguir:

Presentindo seu destino
Disse a moça, nesta hora:
- Tenho filhos pequeninos
E a mais nova mama e chora
Senhores, poupem minha vida
É uma mãe que vos implora! (SOMBRA, 2014, p. 18)

No momento de sua agonia, a pobre Inês apela para a figura materna, suplicando pelos filhos pequenos que ficariam órfãos sem a mãe, caso os conselheiros do rei D. Afonso IV fizessem cumprir a sentença de morte.

As súplicas de Inês não foram atendidas e, cruelmente, a jovem foi assassinada:

Mas o crime, mesmo assim
Foi por eles praticado
E até hoje nesta fonte
Vê-se ainda derramado,
Em vermelho vivo o sangue
Que de Inês foi derramado (SOMBRA, 2014, p. 19)

Como relatado, a sentença se faz cumprir: morre Inês de Castro, a orfandade acomete sua prole. Quando o poeta se refere à fonte, trata-se da *Fonte das Lágrimas*, lugar onde Inês teria sido assassinada. Segundo consta nas narrativas que nutrem o mito, as lágrimas e o sangue da mulher morta escorreram pelas águas da fonte e até hoje podem ser vistas na Quinta das Lágrimas, situada em Coimbra, em Portugal. Portanto, as algas de cor vermelha seriam manchas do sangue jorrado na fonte, deixando as pedras tonalizadas na cor vermelha.

Outra obra literária de representatividade contemporânea é *Inês* (2015), de autoria de Roger Mello – escritor e ilustrador, vencedor do prêmio Jabuti nas categorias Infante-juvenil e Ilustração – e Mariana Massarani – escritora e ilustradora, escreveu 12 livros e ilustrou mais de 150 obras de diversos autores. Voltada para o público infante-juvenil, a obra tem como narradora uma menina, Beatriz, filha de Pedro e Inês. Com sutileza e dedicação por parte dos autores, somos levados “pela mão” através da palavra escrita e das imagens que compõem esse poema na forma de livro ilustrado. Alguns trechos da obra destacam elementos pertinentes para a discussão em torno da violência contra a protagonista:

Encontrei minha mãe perto da fonte, cercada por três conselheiros.
Diogo. Pero. Álvaro.
Um dos três com uma adaga na mão.

Ela apontou pra mim, pros meus irmãos:

- Mas vocês me ameaçam na frente dos filhos do seu rei?

Os conselheiros não deram ouvidos.

Álvaro, Pero ou Diogo, não sei qual dos três, empunhou a adaga. A lâmina entrou macia pela barriga de Inês.

O passarinho, que coisa, me escapou.

- Inês!

Agora não.

Agora Inês é morta (MELLO; MASSARANI, 2015, p. 32).

No fragmento acima, fica evidente a violência letal sofrida por Inês, que se mostra enfática em relação à petulância dos seus algozes, quando diz: “mas vocês me ameaçam na frente dos filhos do seu rei?” (MELLO; MASSARANI, 2015, p. 32). Entretanto, é irrelevante para os assassinos o tom ameaçador de Inês. Consumada a morte da vítima e, tendo como espectadores seus infantes, temos a representatividade da morte neste trecho da obra revelada em dimensão mais brutal, desleal e sem sentimentos.

Mesmo diante da cena trágica, assim como concebem Almeida et al (2020), a composição intermediária da relação entre texto, imagem e projeto gráfico na obra que se destina ao público infantil da comunidade lusófona, aponta para a *adaptação-encantamento* da cena de morte para que possa ser lida e compreendida pela criança de um modo adequado à sua idade e nível de leitura. Como pode ser observado nessa obra, a narradora-personagem, Beatriz traz à luz as cenas que em prólogo frisa a chegada de Inês a Portugal, o amor avassalador despertado no íntimo dos sentimentos do seu futuro pai, logo depois correspondido por sua mãe: “quando eles se conheceram, eu andava escondida no meio de outras coisas. Curva de brisa, alga vermelha, briga de passarinho. Eu ainda não era uma vez.” (MELLO; MASSARANI, 2015, p. 1). Com o ensejo proverbial da frase dos contos de fada, a narradora nasce junto com a história em

visão prospectiva, se situando na obra literária em três momentos: (1) antes do seu nascimento, (2) no seu pós-nascimento e (3) no desfecho da narrativa. Ainda, é importante destacar que esta obra traz como destaque uma mulher como narradora, visto que na tradição histórico-literária, principalmente nos romances históricos, a perspectiva masculina é predominante, pelo que Pedro geralmente figura como narrador.

Figura 2 – Inês e filhos



Fonte: MELLO; MASSARANI (2015, p.33)

Observa-se que o morrer de Inês de Castro impõe-se como representação da violência contra ela e contra as mulheres em geral. De outro lado, a desconstrução do dito popular, empreendida por Andrade em “*Inês é viva!*”: a paixão amorosa na dramaturgia portuguesa contemporânea de autoria feminina (ANDRADE, 2008) com o propósito de abrir outros caminhos de ressignificação da figura histórica e mítica de

Inês em outras possibilidades que ela representa como mulher e símbolo da luta pela liberdade de amar, foi uma semente para a concepção de uma forma revolucionária de se inspirar ao ato de ler, ou seja, o método LerAtos (BARROS; ANDRADE, 2017), dez anos depois, como também para a construção do jogo sério Inês&Nós. Assim, pela mediação deste jogo, com o apoio do Método LerAtos, segue o movimento que reafirma a revivescência de Inês de Castro (ANDRADE, 2021), promovendo o seu levantar *da tumba à retumbância* (ALMEIDA, 2021), em reconstruções utópicas e transformadoras do sofrimento e das injustiças contra a mulher, caracterizando uma nova representação contemporânea, na qual, mesmo que Inês ou qualquer outra mulher seja morta, ou violentada, *agora, não é tarde*.

O MÉTODO LERATOS

Desenvolvido por Barros e Andrade (2017), LerAtos é um método de ensino-aprendizagem inovador e promotor de empreendedorismo sociocultural no processo de despertar do protagonismo de crianças, jovens e adultos, de modo crítico e criativo, por meio da leitura enquanto ato emancipador. Promove a possibilidade do diálogo intermediático entre linguagens artísticas, congregando recursos das tecnologias digitais e promovendo uma instrumentalização para educadores/as, alunos/as e outras pessoas, para edificar Comunidades Leitoras Ativas Ubíquas (CLAU's) compostas por *leiautores/as* que empreendem socialmente através de obras artísticas. Os/as jogadores/as, que são alunos/as da educação básica ou discentes do ensino superior, identificam problemas de pessoas e instituições do mundo real que podem ser resolvidos com o uso de um conhecimento abordado em um texto literário e propõem

soluções que os/as levam a construir um vórtice do conhecimento em um ambiente auto-organizado de aprendizagem que inclui três palcos construídos em uma partida de jogo: a) um espaço virtual na web (palco 1), b) a comunidade onde vive o/a estudante que participa do jogo (palco 2) e c) a sala de aula da escola do/a estudante jogador/a (palco 3), respectivamente (BARROS; ANDRADE, 2017).

Figura 3 – Modelo de Espiral de Gestão do Conhecimento pela Leitura Performativa de um jogo criado com LerAtos nos 3 palcos de leitura inovadora



Fonte: Acervo da pesquisa

A aplicação de uma rodada de jogo realizada no âmbito do método LerAtos acontece em formato de oficinas desenvolvidas por meio de um ciclo de quatro missões em que o/a herói/na *leiautor/a* cumpre com suas

missões nas respectivas oficinas: (1) *Sonhação*, (2) *Fruição*, (3) *Criação* e (4) *Doação*. Vejamos a seguir como podem ser realizadas as etapas:

Sonhação: Nesta primeira etapa do método, os/as alunos/as vivem uma experiência de encantamento a partir uma obra apresentada pelo/a professor/a por meio de uma performance, a fim de que os/as alunos/as se despertem para um processo alternante entre a realidade e a virtualidade, vindo a tornarem-se jogadores/as na vida “real”, tendo como figuras importantes e inspiradoras os/as professores/as que inspiram e engajam os/as alunos/as jogadores/as, mediante uma dinâmica criativa.

Fruição: a fruição acontece pela leitura de uma obra literária individualmente e em seguida compartilhada. Os/as alunos/as fazem uma viagem pelo texto literário, nomeado de *obra-semente*, abordando os diversos aspectos da obra, acerca das vivências dos/as personagens, enredos, desenvolvimento da narrativa, contextos sociais, contextualização do que a obra possa suscitar nas realidades que perpassam o chão da escola, bem como a sociedade em que os/as alunos/as estejam inseridos/as.

Criação: a terceira etapa do método LerAtos não é baseada apenas na criação numa perspectiva inventiva em si mesma, mas também na concepção de empreendedorismo social, na incorporação de inspirações propostas na *Sonhação* e pelos diálogos criados na *Fruição* para uma imersão reflexiva e crítica da obra para munir-se de estratégias para realizar a adaptação da obra lida.

Doação: é o momento em que as novas obras criadas são doadas e apresentadas, visto que é nesta etapa em que o empreendedorismo sociocultural é praticado, ocorrendo em diversos espaços sociais estratégicos, a exemplo da escola e da comunidade externa, por meio de festivais culturais, feiras temáticas, mostras literárias etc. Desse modo, os/as

jogadores/as podem se apresentar em festivais culturais, websites, redes sociais etc., suas novas obras artísticas em formato de textos multimodais, podendo, por meio dessas ações, engajar e buscar novos/as leitores/as para suas obras em ambientes físicos e virtuais.

PROPOSTA DE APLICAÇÃO DO JOGO INÊS&NÓS EM RÁDIO ESCOLAR

Apresenta-se a seguir uma proposta didática com vistas à ampliação dos impactos do jogo Inês&Nós mediante a sua aplicação em uma rádio escolar. Esta proposta organiza-se na forma de Manual do/a Professor/a, a fim de oferecer caminhos instrucionais para a aplicação do jogo, estendendo a sua plataforma tecnológica e valorizando recursos que promovam a sua popularização na comunidade escolar. Como nos ensina Gabriela Vesce (2006), uma rádio escolar é um veículo que viabiliza o manuseio e a utilização das mídias do rádio no desenvolvimento de projetos educativos ou processos de ensino-aprendizagem. Essa concepção nos ajuda a inferir que professores/as e alunos/as não apenas podem ser consumidores/as dos produtos radiofônicos, mas também produtores/as de conteúdos que poderão ser veiculados nos programas a serem desenvolvidos. A rádio escolar possibilita a comunicação, o desenvolvimento criativo e a participação dos/as estudantes, sendo estes/as, protagonistas dos processos de desenvolvimento das etapas de criação de conteúdos e veiculação no ar, ou seja, na rádio. Não por acaso, a história do rádio frisara sua potencialidade como meio de comunicação que amplia o compartilhamento de notícias de relevância social, além de colaborar com a difusão de manifestações culturais representativas das vivências sociais de diversas culturas.

Sendo o rádio uma ferramenta de reconhecido valor na história da comunicação, se torna, ainda em dias atuais, um recurso que pode ser usado com bom proveito em contextos de ensino-aprendizagem. Um determinado programa de rádio pode ser personalizado a partir do diálogo com vários projetos pedagógicos escolares, razão pela qual na contemporaneidade tem se discutido e desenvolvido o protagonismo estudantil frente aos processos de aquisição e compartilhamento da informação no âmbito escolar. Na criação de uma rádio escolar, alguns equipamentos são necessários, como: computador, microfone, gravador (pode ser o gravador do próprio celular, ou ainda, aplicativos de gravação e melhoria de som), fones de ouvido, como também são necessárias as pessoas, muita criatividade e compromisso coletivo.

Para a realização do jogo *Inês&Nós* em rádios escolares é possível utilizar alguns gêneros do programa de rádio para o desenvolvimento do jogo, a exemplo do *jornal de notícias*, apontando dados e realizando reportagens acerca da violência contra as mulheres, podendo gerar discussões acerca da figura mítica de Inês de Castro e a violência que ela, na condição de mulher, sofreu no século XIV, fazendo um paralelo com a realidade atual no contexto brasileiro e/ou português. Neste mesmo gênero, é possível congrega os gêneros *entrevista* e *debate*, viabilizando, assim, o compartilhamento de informações, ideias e possibilitando a sensibilização e conscientização acerca de questões sociais, na medida em que se desenvolvam diálogos na rádio mediante a participação de autoridades e especialistas na área dos respectivos problemas sociais em foco, que nesta proposta refere-se à violência contra mulheres, a exemplo de psicólogos, assistentes sociais, advogados etc.

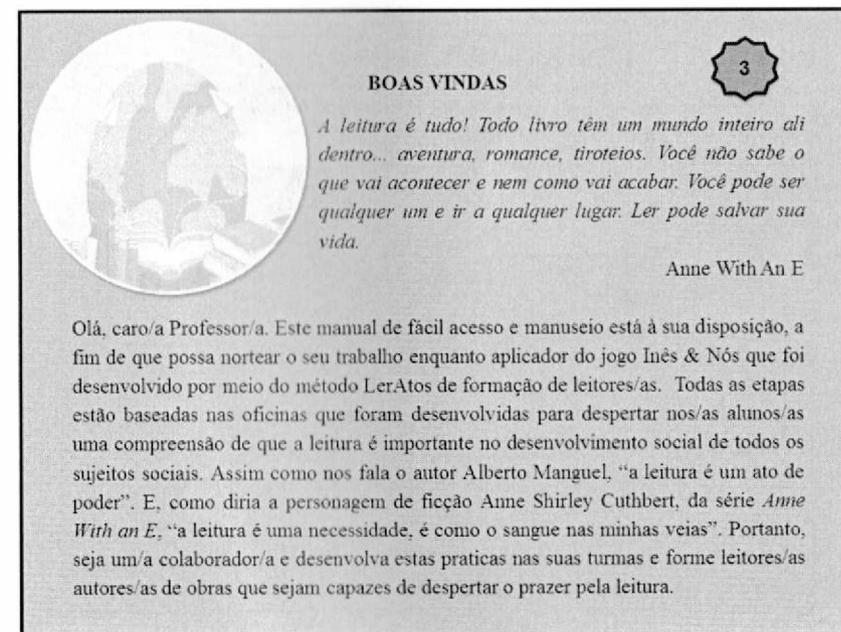
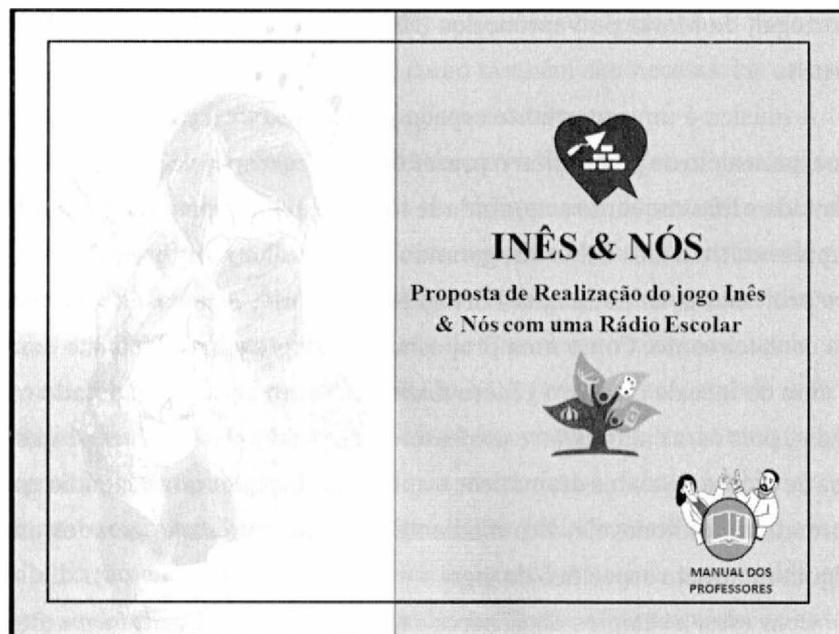
Além dos gêneros citados, a *música* é uma das grandes atrações das rádios escolares e das rádios em um contexto mais amplo, como nas

emissoras de rádio das cidades, que também podem ser aliadas de grande interesse e proveito no desenvolvimento do jogo. Os/as jovens são grandes consumidores/as de músicas dos mais variados estilos e nacionalidades, isso implica indicar músicas que também podem e devem ser utilizadas, dado que existem músicas em homenagem a Inês de Castro, podendo ser citadas: *Relicário dos Amantes – A história de Pedro e Inês (Quinta das lágrimas em Coimbra)*, por Larissa Lima e Fabiana Moutinho, (RELICÁRIO DOS AMANTES, 2018); ou *Sempre (D. Pedro e D. Inês)*, disponível no álbum *As canções da Maria - Especial História de Portugal*, de Maria de Vasconcelos (SEMPRE (D. PEDRO E D. INÊS), 2018).

A música é um importante espaço para reflexões a partir das letras que, para além de possibilitar o prazer estético pela apreciação da música cantada e lida enquanto arte, ainda se torna fonte de saber por congrega representatividades culturais, gerando um trabalho interdisciplinar entre professores/as de Língua Portuguesa, História, Artes e outras áreas do conhecimento. Como uma proposta importante para o trabalho com o mito de Inês de Castro, o gênero *drama* também pode ser abordado na rádio, pois os/as alunos/as e professores/as podem desenvolver processos de escrita de textos dramáticos e apresentá-los nas ondas da rádio em formato de radionovela, isto mediante os textos que serão gerados em algum momento específico do jogo.

Com estes exemplos de gêneros radiofônicos e com as informações pesquisadas e divulgadas para a comunidade escolar, ou seja, a audiência da rádio escolar, pode-se gerar um *game show* sobre Inês de Castro, com perguntas e respostas, conferindo premiações que podem ser livros, cordéis de temática inesiana, pontos extras nas disciplinas envolvidas no desenvolvimento da rádio, ou até mesmo um espaço na rádio, que seja de

responsabilidade do/a aluno/a vencedor/a para desenvolver outras práticas e abordar outros gêneros na rádio, a exemplo de reportagens, programa de variedades, notícias dos/as artistas locais, nacionais ou internacionais, avisos, propagandas, marketing etc., desde que não sejam produtos a serem comercializados. A seguir, apresenta-se o Manual do Professor construído como um roteiro sugestivo destinado a exemplificar potencialidades de uma experiência leitora-escritora gamificada pela aplicação do Jogo Inês&Nós em rádio escolar (SOUSA, 2021).



CICLO DE OFICINAS LERATOS 4

1ª SONHAÇÃO
Os/as alunos/as vivem uma experiência de encantamento através de uma obra literária/artística/audiovisual apresentada pelo professor/a por meio de uma performance.

2ª FRUIÇÃO
A fruição acontece através da leitura de uma obra literária chamada obra "Obra-Semente". Na realização desta leitura o/a participante utiliza todos os sentidos corporais ao entrar em contato com a obra.

3ª CRIAÇÃO
Inspirados/as pelos passos anteriores e pelos aprendizados construídos mediante a leitura da obra ou das obras lidas na fruição, os/as participantes criam novas obras artísticas de gêneros diversos (Paródia, músicas, poemas, desenhos, textos dramáticos etc.).

4ª DOAÇÃO
É o momento em que as novas obras criadas são doadas e apresentadas, visto que é nesta etapa em que o empreendedorismo sociocultural é praticado, ocorrendo em diversos espaços sociais estratégicos, na escola e na comunidade externa por meio de festivais culturais, feiras temáticas, mostras literárias. Desse modo, os/as jogadores/as podem se apresentar em festivais culturais, websites, redes sociais etc.

Inês & Nós Na rádio

PLANEJAMENTOS E EXECUÇÕES 5

1º Momento – É importante desenvolver reuniões de planejamentos, a fim de que se possa formalizar as devidas parcerias para o desenvolvimento do método LerAtos e as dinâmicas que são desenvolvidas para a construção do jogo Inês & Nós. Neste primeiro momento é essencial conhecer os espaços escolares, escolher os/as participantes e construir elos entre eles/as. Essas ações são necessárias caso o/a professor/a seja um visitante na escola. Conheçam o mito de Inês de Castro. Existe uma vasta bibliográfica teórica e literária sobre esta figura importante na cena política, social e artística de Portugal e do Brasil desde o século XIV até hoje.

2º Momento - Aplicar as oficinas, que é o ponto primordial para o empreendimento com o jogo Inês & Nós. O mito de Inês de Castro abre espaço para muitos debates acerca da violência contra a mulher, empoderamento feminino, problematização sobre o feminicídio, além da perspectiva idílica que se encontra entorno da história vivida, como também no mito dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro.

ETAPA 1 - SONHAÇÃO 6

O/a Professor Tutor/a e os/as alunos/as poderão trabalhar com uma música ou com qualquer outro material em áudio que esteja em consonância com a temática inesiana. Sugerimos a música "Sempre D. Pedro e D. Inês", de Maria Vasconcelos, e *Relicário dos Amantes – A história de Pedro e Inês (Quinta das lágrimas em Coimbra)*, interpretada por Larissa Lima.

Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=EFMy50UKKQ>

Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=POCZHkLq8o>

LEMBRETE:
NÃO SE ESQUEÇA DE GERAR QUESTIONAMENTOS JUNTOS COM OS/AS PARTICIPANTES ACERCA DE CADA PASSO DESENVOLVIDO NAS OFICINAS.

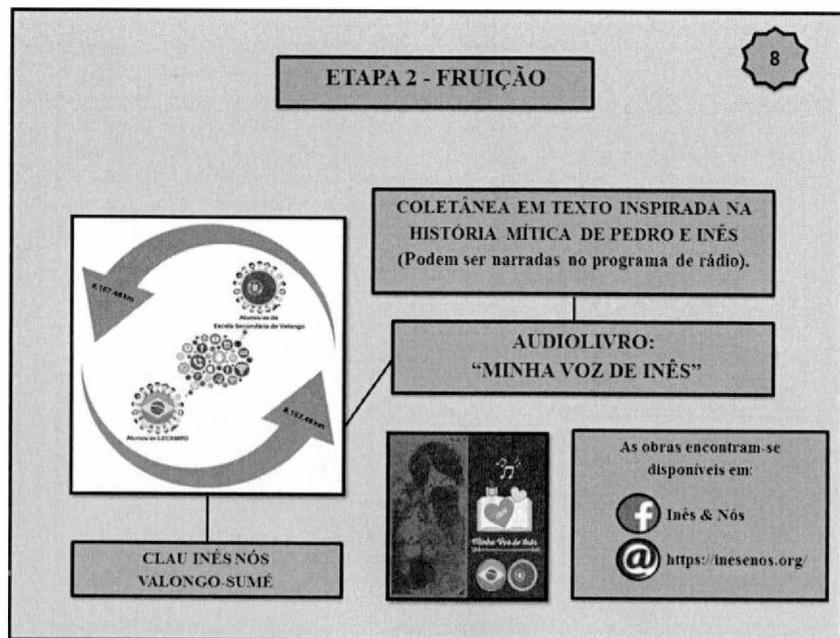
7

Outra possibilidade de trabalho na etapa de **Sonhação** é a leitura de poemas que estejam em consonância com o mito de Inês de Castro. A indicação aqui vem no sentido de relacionar o poema "Conto de Fadas" da autora portuguesa, Florbela Espanca, tratando-se de uma questão referenciada na textualidade do texto, pois é possível relacioná-lo ao amor de Pedro e Inês, mas também se refere à nacionalidade e o nascedouro do mito inesiano e da poetisa Florbela.

Conto de Fadas

*Eu trago-te nas mãos o esquecimento
Das horas más que tens vivido, Amor!
E para as tuas chagas o unguento
Com que sarei a minha própria dor
Os meus gestos são ondas de Sorrento
Foi dos meus olhos garços que um pintor
Tirou a luz para pintar o vento
Dou-te o que tenho: o astro que dormita
O manto dos crepúsculos da tarde
O sol que é de ouro, a onda que palpita
Dou-te, comigo, o mundo que Deus fez!
Eu sou Aquela de quem tens saudade
(Florbela Espanca)*

Professor/a que tal apresentar e discutir um pouco sobre a vida de Florbela neste momento de Sonhação?

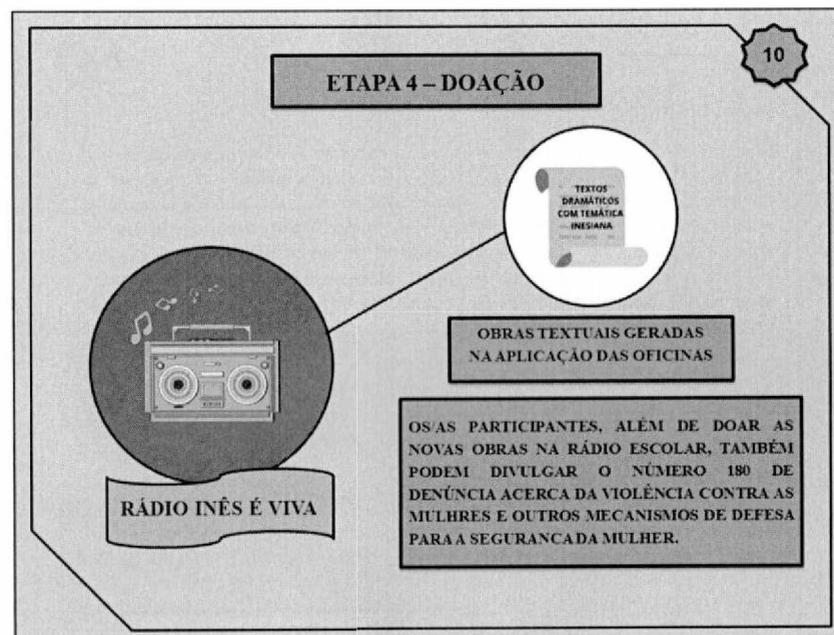


ETAPA 3 - CRIAÇÃO 9

"Viver não é necessário: o que é necessário é criar"
Fernando Pessoa

Na etapa de CRIAÇÃO, sugerimos que o/a professor/a tutor/a indique a construção de narrativas com a temática inesiana em texto dramático. Lança-se um concurso de escrita de textos dramáticos. Segue um breve roteiro que pode ser seguido e/ou ajustado pelos/as professores/as e participantes:

- Lançar o concurso de criação dos textos dramáticos de temática inesiana (regras, duração etc.);
- Apresentar em uma aula introdutória a estrutura de um texto dramático (cena/atos/personagens/rubricas etc.);
- Dividir a turma em grupos e sortear temas que podem ser de relevância para os diálogos em sala e fora da escola, exemplificamos: violência contra a mulher, homofobia, racismo, *bullying*, mundo do trabalho, sem esquecer a perspectiva idílica que encontra-se posta na mitificação de Inês de Castro;
- Logo após a construção das narrativas dramáticas, o trabalho se dá de maneira a realizar leituras compartilhadas e performáticas. Os passos seguintes justificam a indicação por uma criação de pequenas esquetes dramáticas.



ETAPA 5 - DIVULGAÇÃO 11

Mediante a "Doação" das novas obras construídas na aplicação das oficinas, uma proposta para propagar os textos e, conseqüentemente conscientizar a população, será a criação de cartazes intitulados "SALVE INÊS!". Poderá ser uma divulgação de cartazes com dados sobre a violência contra a mulher e com fragmentos dos textos em que a violência contra a mulher ou outro tipo de violência, preconceito ou problemas sociais que possam ser abordados nos textos dramáticos.

Inês na Escola
Inês nas Ruas
Inês nas Redes Sociais

12

SUGESTÕES PARA O/A PROFESSOR/A

Caro Professor/a até aqui você e seus alunos/as foram excelentes e essenciais na construção do Inês Nós na sua escola e na rádio escolar, isto mediante a divulgação das obras novinhas em folha geradas na oficina 3. Agora é importante ter a consciência de que vocês são *Empreendedores Socioculturais*, e de que, os textos dramáticos, os diálogos e os cartazes geram reflexões e diálogos na consciência cidadã dos/as leitores/as, assim, promova momentos em que possam ser quantificados e qualificados os impactos gerados na divulgação das novas obras. Vejamos alguns exemplos:

Aplicação de questionários e entrevistas

Divulgação das obras nas redes sociais*

Realização de debates e culminâncias

***VEJA O EXEMPLO DE EMPREENDEDORISMO SOCIOCULTURAL DESENVOLVIDO COM AS FERRAMENTAS DA REDE SOCIAL FACEBOOK: INÊS & NÓS NO IEPE**

13

AGRADECIMENTOS

Professor/a, que bom poder estar com você até este momento. Gostaríamos de lhe agradecer pelo seu empenho e dedicação disponibilizados nas aplicações das oficinas Ler.Atos que culminam no jogo Inês & Nós. Gostaríamos ainda de enfatizar que este manual pode ser personalizado para que se adapte à realidade das suas turmas e das singularidades das escolas em que você atua. Neste sentido, prezamos pela sua autonomia e pelo processo criativo que se desenvolverá na dinâmica que você promoverá durante o percurso de ensino-aprendizagem proposto neste manual. Desejamos que você e seus/suas alunos/as colham bons frutos dessa experiência de jogo com a leitura a fim de conhecer, recriar e ampliar o mito de Inês de Castro.

A verdadeira identidade do amor em um mundo de poder e medo está nas lágrimas e fulgor da história de Inês e Pedro.
(Ismara Milena- Aluna da Educação do Campo - UFCG/CDSA)



PARA MAIS INFORMAÇÕES:



(83) 99977-3666



r.barros879@gmail.com

PRINCÍPIOS DO INÊS&NÓS QUE DEVEM SER CONSIDERADOS EM UMA PARTIDA NO RÁDIO

Princípio N^o1 - autorresponsabilidade e protagonismo: quando o/a aluno/a é convidado ou se dispõe a participar do jogo Inês&Nós na rádio escolar, ele/a deve compreender que seu papel é de vital importância para gerenciar os elementos de um programa de rádio que se destina a fazer parte do jogo. Assim, o/a participante que irá construir a pauta e conduzir o jornal ou outro gênero do rádio, deve ter a clareza do seu papel, que é: pesquisar sobre o tema, delimitar quais os aspectos do mito inesiano estarão em pauta no jornal, buscar pessoas que discutem sobre a violência contra as mulheres (psicólogos/as, pesquisadores/as, assistentes sociais etc.) e mediar o debate que será gerado no programa.

Princípio Nº2 - colaboração, trabalho coletivo e partilha. Um/a único/a participante não dará conta de pesquisar, construir roteiros, convidar debatedores/as, mediar o diálogo no jornal e tantas outras tarefas. Caso não exista a colaboração de outros/as participantes que possam realizar as entrevistas, receber perguntas do público e realizar outras tarefas, o projeto da rádio não será bem realizado. Portanto, a colaboração e o trabalho em equipe é um princípio que sustenta as práticas do Inês&Nós na rádio, sobretudo se o gênero escolhido para o jogo for o jornal, que tem um caráter mais formal e que abarca outros gêneros do rádio.

PROCESSOS DO INÊS&NÓS QUE DEVEM SER CONSIDERADOS EM UMA PARTIDA NO RÁDIO

Os processos que devem ser adotados para o jogo estão envolvidos no ciclo das quatro oficinas desenvolvidas durante a jornada de herói/na (CAMPBELL, 1997; MURDOCK, 2022), que se cumpre mediante a realização do método LerAtos, no cumprimento das oficinas de (1) Sonhação, (2) Fruição, (3) Criação e (4) Doação.

Se escolherem, por exemplo, o gênero radiofônico (Jornal), os/as professores/as e seus colaboradores/as podem criar uma pauta de jornal inicialmente mais dinâmica, com leituras de algumas obras inesianas geradas em outras partidas do Inês&Nós, a exemplo das obras geradas em Andrade (2021) e Almeida (2021). As obras sugeridas nesta etapa dizem respeito ao acervo gerado no experimento da Comunidade Leitora Ativa Ubíqua (CLAU) “Inês&Nós em Valongo-Sumé”, exemplo bem-sucedido na atualização do mito de Inês de Castro, inclusive pela qualidade do processo de ensino-aprendizagem para formar não somente leitores/as, mas

também autores/as (*leiautores/as*). O acervo compõe-se de (1) obras de temática inesiana em textos e (2) obras de temática inesiana em áudio, tratando-se de leituras performativas. De início, sugere-se a leitura de uma obra que contenha informações sobre a personagem principal Inês de Castro (vida, amores, violência e morte), para gerar o encantamento correspondente à etapa de **Sonhação**. Logo após, o jornal poderá ser desenvolvido mediante debates e reflexões acerca do mito inesiano e sobre todas as esferas de diálogos que são percebidas em seu nascedouro e reavivamento mediante as representações artístico-literárias.

Sendo a segunda oficina a **Fruição**, é neste momento que os/as participantes poderão ter acesso e contato com alguma obra literária de temática inesiana, pelo que se sugere o acervo nº2 de obras em áudio da CLAU “Inês&Nós em Valongo-Sumé”. Os/as participantes podem, por exemplo, replicar as leituras performativas que fazem parte deste acervo. Com isto, geram-se debates e se pode contar com a participação de autoridades e pessoas que dialoguem sobre a violência contra a mulher.

Na oficina de **Criação**, os/as mediadores/as do programa de rádio podem lançar um concurso de leituras performativas, consistindo na construção de textos dramáticos ou pequenas cenas com temática inesiana para serem lidos/oralizados mediante recursos performativos. Neste sentido, é indicado a exposição da estrutura de um texto dramático e, portanto, o/a professor/a de língua portuguesa poderá ser o/a entrevistado/a neste momento, a fim de realizar uma explanação sobre os elementos que compõem este gênero literário.

Por sua vez, é na etapa de **Doação** que os textos gerados através do concurso poderão ser apresentados em formato de leituras dramáticas, em moldes de rádio novela, não somente contando com a participação de

atores e atrizes da novela, mas outros/as participantes como: sonoplasta, narrador/a e apresentador/a.

Como já citamos no princípio Nº 2 do desenvolvimento do jogo em rádios escolares, que trata da colaboração e trabalho em equipe, fica evidente a necessidade de contar com a participação de pessoas que serão essenciais para o desenvolvimento na plataforma tecnológica da rádio escolar. Na colaboração e no trabalho em equipe, é essencial a participação do/a ouvinte, elo importante, posto que este/a é o/a apreciador/a-crítico/a do/no desenvolvimento das práticas empreendidas no jornal. A ideia é criar meios de comunicação direta para acolher opiniões, críticas e sugestões dos/as ouvintes/as.

Sugere-se a criação de um grupo no Whatsapp para que se mantenha contato com os/as ouvintes e um perfil no Instagram, que fará mais um elo entre os/as agentes receptivos/as (ouvintes) e receptores/as (todos os/as participantes da rádio). Neste perfil poderão ser divulgadas enquetes, bastidores do jornal etc. O jogo Inês&Nós congrega o uso dos dispositivos móveis e das mídias digitais, em específico as redes sociais mais populares entre jovens, adultos e idosos e, sendo assim, é importante aliar esses recursos ao desempenho das etapas do jogo.

Ainda no tocante ao princípio Nº 2, é importante delimitar os papéis desenvolvidos por cada agente colaborador/a da rádio e dos programas criados e propagados nos corredores escolares e nas redes sociais. Além dos papéis desenvolvidos pelos/as ouvintes, existem outros/as agentes que são elos imprescindíveis para o sucesso da rádio, como: o/s docentes participantes que conduzirão os processos criativos e auxiliarão os/as alunos/as nas ações antes, durante e pós-exibição do programa de rádio, sem esquecer o acompanhamento do/a roteirista, produtor/a, locutor/a, repórter, entrevistado/a, ator/atriz, narrador/a, operador/a das

tecnologias de áudio etc., os/as quais devem cumprir o princípio que norteia a colaboração e o trabalho em equipe. É de interesse criar um estatuto de funções de cada participante da rádio, em que os/as participantes poderão demonstrar ciência de cada princípio e buscar cumprir com eficiência e responsabilidade cada princípio proposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível promover um diálogo intercultural através do mito de Inês de Castro na escola. Esse diálogo se justifica pela força do episódio inesiano no imaginário popular, especificamente em Portugal e em outros espaços lusófonos ou não. Agora não é mais tarde, visto que Inês revive na poética das diversas representações do mito inesiano e em práticas de leitura e escrita que atualizam o mito, ocasionando o florescimento de novas construções da figura de Inês de Castro na contemporaneidade. Apresentou-se uma proposta de aplicação para o desenvolvimento do jogo Inês&Nós em rádios escolares e, com isto, trabalhos futuros podem ser gerados mediante a integração escola e universidade, pensando novas estratégias para atualizar e contextualizar o LerAto em outros âmbitos culturais promovidos na escola e pela evocação de outras obras literárias, ampliando o trabalho com outros mitos e figuras importantes da literatura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro de Sousa. **Inês&Nós**: uma aplicação do Método LerAto na formação de Professores Leitores pela mediação do mito de Inês de Castro. 2021. 220 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e

Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB, 2021. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/4129>. Acessado em 05/06/2022. Acesso em: 17 jul.2022.

ALMEIDA, Leandro de Sousa; ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo Alves de. **Texto, imagem e projeto gráfico na obra Inês, de Roger Mello e Mariana Massarani**: por uma adaptação do mito português de Inês de Castro para crianças brasileiras. *SOCIOPOÉTICA*,1(22), 24-36, 2020. Disponível em: <http://novo.revista.uepb.edu.br/SOCIO-POETICA/article/view/260/200>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ANDRADE, Valéria. **Inês é Viva**: a paixão amorosa na dramaturgia portuguesa contemporânea de autoria feminina. Relatório Final. Projeto de Investigação Científica desenvolvido na Universidade do Algarve (Faro-AL, Portugal), com bolsa de estudos da Fundação Gulbenkian, Lisboa, 2008.

ANDRADE, Valéria. **Inês&Nós: ler e dizer o amor de Pedro e Inês no século XXI em salas de aula de Portugal e do Brasil**: relatório final de pesquisa de pós-doutoramento (2018-2019) – 2019. Porto: Biblioteca Digital da Faculdade de Letras/Universidade do Porto, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3tCYiZW>. Acesso em: 17 jun. 2022.

ANDRADE, Valéria, BARROS Marcelo, VIEIRA Fátima, SOUSA, Rafael, ALMEIDA, Leandro, **Incs&Us - Endless Love Alternate Reality Game to Build Utopic New Worlds**. Proceedings of the CSEDU 2019 - 11^a International Conference on Computer Supported Education, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3AIdlWo>.

BARROS, Marcelo Alves de; ANDRADE, Valéria. **LerAtos: Jogos Sérios de Leitura Performática em Realidade Alternada para engajar Populações e Escolas em Desafios Sociais**. In: ALVES, Lourdes Kaminski;

MIRANDA, Célia Arns de (Org.). **Teatro e Ensino (I) – Estratégias de Leitura do Texto Dramático**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p.107-127.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro. Polén, 2019.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

GIL, A. Pedro. **Os grandes julgamentos da história: o processo de D. Inês de Castro**. Lisboa: Otto Pierre, 1975.

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. “Teorema” e o impudor da escrita. In: **Literatura Portuguesa Aquém-mar**. Annie Gisele Fernandes & Paulo Motta Oliveira (Orgs.). Campinas: Komedi, 2005.

HIERRO, Maria Pilar Queralt Del. **Inês de Castro**. Trad. Saul Barata. 6. ed. Lisboa: Presença, 2005.

JUSTO EU, AULA 25 – FEMINICÍDIO. YouTube: 06 de dezembro de 2018 (53m58s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wzwF6m9XXo4&t=20s>. Acesso em: 19 abr. 2021.

MURDOCK, MAUREEN. **A jornada da heroína: a busca da mulher para se reconectar com o feminino**. Prefácio de Sandra Trabucco Valenzuela. 1. ed. – Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

RELICÁRIO DOS AMANTES – A história de Pedro e Inês (Quinta das lágrimas em Coimbra). YouTube: Larissa Lima (04m21s) – 15 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PO-CZHhkLq3o>. Acesso em: 24 abr. 2021.

SEMPRE (D. PEDRO E D. INÊS). YouTube: As Canções da Maria (2m39s) – 19 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=71TYMinx6F8>. Acesso em: 24 abr. 2021.

SOUSA, Rafael Barros de. **Inês&nós em perspectiva: um jogo sério para a formação leitora e o diálogo intercultural pela mediação do mito de Inês de Castro**. 2021. 153 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021. Disponível em:

<http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3788>. Acesso em: 6 jul.2022.

SOMBRA, Fábio. **A história de Inês de Castro ou A dama Lourinha que, depois de morta virou rainha**. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2011.

VESCE, Gabriela, E. Possoli. **Rádio Escolar**. 15 de abril de 2006. Disponível em: <https://www.infoescola.com/comunicacao/radio-escolar/>. Acesso em: 24 abr. 2021.